

OS DISCURSOS DE LEGITIMAÇÃO DO JORNALISMO GUIADO POR DADOS

BRUNA MASTRELLA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, BRASIL
BRUNAMASTRELLA@GMAIL.COM

OS DISCURSOS DE LEGITIMAÇÃO DO JORNALISMO GUIADO POR DADOS

Resumo: Este trabalho analisa os discursos que buscam definir e legitimar o JGD. Com base na Hermenêutica de Profundidade, foram analisados 16 textos institucionais publicados por veículos e projetos de JGD de diferentes países. Além disso, foram entrevistados oito profissionais. A análise revelou os três discursos mais recorrentes nesse movimento: discurso de autoridade, discurso ciberativista, e os discursos calcados nos valores clássicos do jornalismo.

Palavras-chave: Jornalismo Guiado por Dados; estratégias discursivas; hermenêutica de profundidade.

LOS DISCURSOS LEGITIMADORES DEL PERIODISMO DE DATOS

Resumen: Este trabajo analiza los discursos que buscan definir y legitimar el periodismo de datos. Bajo la Hermenéutica de Profundidad, se analizaron 16 textos institucionales publicados por vehículos y proyectos de PD de diferentes países. Además, se entrevistó a ocho profesionales. El análisis reveló los tres discursos más recurrentes: el discurso de la autoridad, el discurso ciberactivista y los discursos basados en los valores clásicos del periodismo.

Palabras clave: periodismo de datos, estrategias discursivas, hermenéutica de profundidad.

DISCOURSES FOR LEGITIMIZING DATA-DRIVEN JOURNALISM

Abstract: This article is an analysis of the discourses that seek to define and legitimize data-driven journalism. We applied Depth Hermeneutics to analyze 16 self-referential institutional texts published by DDJ vehicles from different countries. In addition, we interviewed eight DDJ specialists. Our analysis found the three most recurring discourses in this legitimation attempt: the discourse of authority, cyberactivist speeches, and discourse based on the classic values of journalism.

Keywords: Data-Driven Journalism; discursive strategies; depth hermeneutics.

1 INTRODUÇÃO

O Jornalismo Guiado por Dados (JGD) cada vez mais é visto como um campo de inovação e de possibilidades para alguns grupos de jornalistas. Desde os anos 2000, ele vem buscando reconhecimento e consolidação como um meio de aprimoramento da capacidade analítica e investigativa da imprensa e como ferramenta de construção de visualizações cada vez mais

sofisticadas. Além disso, a incorporação de suas técnicas é vista como uma resposta às transformações e incertezas do próprio jornalismo.

O JGD é uma prática baseada na adoção de métodos científicos e ferramentas computacionais para a busca, seleção, tratamento, análise e apresentação gráfica de dados como forma de incrementar a prática jornalística (HOWARD, 2014). O corpo de pesquisa que vem se consolidando sobre o tema possui algumas abordagens preferenciais: como o produto jornalístico originado pela incorporação de tecnologias da computação (APPELGREN e NYGREN, 2014; LOOSEN, REIMER e SILVA-SCHMIDT, 2015) e o conjunto de processos de elaboração da notícia – que tem nas bases de dados sua fonte primária de informação (DIAKOPOULOS, 2012; CODDINGTON, 2014). Esta investigação, contudo, segue outra vertente, pois parte da premissa de que não apenas as práticas e os artefatos do JGD ajudam a demarcá-lo e compreendê-lo, mas também os discursos cumprem esse papel (DE MAEYER et al, 2014). Eles são importantes vetores de inovação e de processos de segmentação no campo, são vetores de ideologias profissionais e estabelecem convenções que moldam as práticas jornalísticas.

Por isso, o objeto de estudo desta pesquisa são os discursos que profissionais e veículos jornalísticos enunciam sobre o JGD. Pretende-se, assim, responder: quais são os principais argumentos mobilizados pela comunidade de praticantes para definir e legitimar discursivamente o JGD? Adotou-se a perspectiva teórico-metodológica da Hermenêutica de Profundidade (THOMPSON, 2011) aplicada à análise de textos de caráter autorreferencial publicados por projetos de JGD de diferentes países. Essa análise foi complementada com entrevistas com profissionais brasileiros da área. Nesse processo, detectou-se que o JGD constrói sua legitimidade a partir de um tripé de estratégias discursivas: autoridade, ciberativismo e valores canônicos do jornalismo. Cada um desses discursos traz, em diferentes proporções, indícios de que o JGD consegue introduzir, dentro de seus círculos de influência, novos processos de trabalho e a transformação de certas convenções do jornalismo sem, contudo, alterar o ideário básico da profissão. Dessa forma, este artigo busca ir além das formas de representação do JGD, inserindo-o nas dinâmicas de mudanças e permanências do jornalismo (CHARRON e DE BONVILLE, 2004; LE CAM, PEREIRA e RUELLAN, 2014).

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

O método da Hermenêutica de Profundidade proposto por Thompson

(2011) enfatiza o peso das reminiscências sociais e históricas latentes nas formas simbólicas, que são qualquer tipo de construto cultural transmitido por meio de fala, imagens e textos ou outra forma comunicacional que se organize em torno da linguagem. Nesse movimento, Thompson (2011) elabora um método composto por três etapas intercaladas: análise socio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação/reinterpretação. Esse entrelaçamento, segundo ele, aprofunda a busca por sentidos e significados.

A análise socio-histórica ocupa-se do resgate das singularidades dos contextos sociais e históricos nos quais as formas simbólicas emergem. Nesta pesquisa, ela permitiu explicar a emergência do JGD para além das interpretações deterministas tecnológicas, pois esse segmento tem importantes antecedentes analógicos. As primeiras reportagens guiadas por dados foram publicadas ainda século XIX no Reino Unido (ROGERS, 2013). Além disso, eventos e instituições fora do próprio jornalismo ajudaram a pavimentar a trajetória evolutiva do JGD, como o advento da internet e a expansão de leis de acesso à informação.

A análise formal ou discursiva recorre à conjugação de outros métodos para compreender a mobilização de sentidos na organização interna das formas simbólicas. Para esta segunda fase, escolhemos a Análise Argumentativa (AA), empregada na interpretação dos textos institucionais veiculados por jornais e projetos jornalísticos independentes. O método traz o argumento para o primeiro plano da pesquisa social como forma de compreender as estruturas argumentativas que influenciam os debates públicos (LIAKOPOULOS, 2015). Assim, é possível compreender a construção de discursos coletivos por meio da identificação de certos padrões de inferência e operadores lógicos preferenciais.

A fase da Interpretação/reinterpretação retoma os resultados das etapas anteriores e acrescenta outra camada interpretativa baseada na maneira como os sujeitos percebem a própria realidade dentro do campo examinado. “O campo-sujeito-objeto”, segundo Thompson (2011, p. 263), é obtido por meio de abordagens etnográficas, que incluem as entrevistas em profundidade – recurso escolhido nesta pesquisa.

2.1 Construção do corpus e seleção de entrevistados

O corpus reúne 16 textos institucionais divulgados por jornais e projetos independentes que têm o JGD como prática frequente. Não se trata de textos em formato jornalístico, mas discursos autorreferenciais que des-

crevem as atividades da instituição (“Quem somos”, “O que fazemos”, “Nossos valores”). Podem ser considerados editoriais ou manifestos, pois há marcadores claros de opinião, de um posicionamento aberto da entidade sobre o JGD.

Quadro 1 - Relação das instituições selecionadas

Fonte	Atividade	País	URL
Deutsche Welle	Página para divulgar materiais produzidos com base em dados	Alemanha	https://www.dw.com/en/data/t-43091100
Nación Data	Blog para compartilhar métodos e dados usados em reportagens	Argentina	http://blogs.lanacion.com.ar/data/
Chequeado	Agência de fact-checking	Argentina	http://chequeado.com/
Gênero e Número	Startup que produz conteúdo sobre equidade de gênero	Brasil	http://www.generonumero.media/
Fiquem sabendo	Projeto especializado em requisitar dados via Lei de Acesso à Informação	Brasil	http://www.fiquemsabendo.com.br/
Nexo	Jornal digital independente	Brasil	https://www.voltdata.info/
La Nación/Data	Blog para compartilhar dados e ferramentas de JGD	Costa Rica	https://www.nacion.com/data/
Postdata	Jornal digital com conteúdo baseado em dados	Cuba	http://www.postdata.club/
ProPublica	Agência independente de jornalismo investigativo	Estados Unidos	https://www.propublica.org/datastore/
The Markup	Organização que usa dados para investigar como a tecnologia afeta a vida das pessoas	Estados Unidos	https://themarkup.org/
La Data	Jornal especializado em investigação e visualização de dados	México	http://www.ladata.mx/
OjoPúblico	Agência de jornalismo investigativo	Peru	http://ojo-publico.com/
Convoca	Veículo de jornalismo investigativo	Peru	https://convoca.pe/
Journalism ++	Agência independente de JGD	Portugal/ Suécia	http://jplusplus.org/pt/
Sudestada	Agência de jornalismo investigativo	Uruguai	https://www.sudestada.com.uy

Poderopedia	Plataforma colaborativa de JGD	Venezuela	https://poderopediave.org/
-------------	--------------------------------	-----------	---

Fonte: a autora

Inicialmente fizemos uma leitura exploratória dos manifestos, já convertidos em unidades de análise, para identificar as estratégias persuasivas empregadas para definir e posicionar o JGD. A etapa seguinte consistiu na seleção dos argumentos presentes em cada manifesto e sua conversão em palavras-chave que correspondessem às temáticas evocadas nos textos. Essas palavras-chave foram então posicionadas num quadro comparativo onde identificamos as estratégias argumentativas predominantes. Pudemos, então, visualizar os discursos mais recorrentes nos textos institucionais. Esses resultados foram em seguida complementados por entrevistas semi-estruturadas feitas com oito profissionais que trabalham com JGD no Brasil, entre jornalistas e cientistas de dados. O contato se deu por meio de redes sociais (Twitter e Facebook) ou por indicações repassadas por eles à pesquisadora. Buscou-se reunir pessoas com diferentes formações acadêmicas e trajetórias, que trabalham tanto em organizações jornalísticas ou fora delas, mas que tenham uma atuação necessariamente relacionada ao JGD. As entrevistas foram presenciais, mas também via Skype ou telefone entre os meses de abril e setembro de 2019, e duraram entre 40 minutos e uma hora. Um roteiro com 14 perguntas foi usado, mas houve a liberdade de abordar assuntos que surgiam espontaneamente no decorrer da conversa.

Quadro 2 - Breve descrição biográfica dos informantes

Identificação	Idade	Localização	Formação	Ocupação
Thays Lavor	38	Ceará	Jornalismo	Jornalista de dados freelancer
Guilherme Jardim Duarte	34	Princeton/ EUA	Direito	Cientista de dados
Reinaldo Chaves	41	São Paulo	Jornalismo	Jornalista de dados freelancer
Daniel Marcelino	41	Brasília	Mestre em Ciência política	Editor de dados
Cecília do Lago	32	São Paulo	Jornalismo	Jornalista de dados
Gabriel Zanolensi	27	São Paulo	Mestre em Ciência política	Editor-assistente de gráficos

Renata Hirota	26	São Paulo	Jornalismo e Estatística	Jornalista de dados
Daniel Mariani	38	São Paulo	Biologia	Cientista de dados

Fonte: a autora

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise argumentativa dos editoriais permitiu a identificação e categorização dos principais argumentos que permeiam a construção das estratégias persuasivas empregadas para definir e posicionar o JGD: 1. discurso de autoridade, que descreve o rol de habilidades técnicas que o JGD possui e que lhe daria mais condições de atuar num contexto de maior oferta de dados que o jornalismo convencional; 2. discurso ciberativista, que incorpora valores e convenções de outras áreas profissionais; 3. discurso que reforça de valores jornalísticos tradicionais: objetividade, independência, credibilidade, fiscalização dos poderes, etc. Na sequência, buscamos desenvolver essas temáticas com base nos relatos dos profissionais entrevistados. A análise revelou em que medida essas filiações discursivas dialogam com outras instâncias ligadas às práticas, identidades profissionais e carreiras dos informantes.

3.1 Discurso de autoridade

Infere-se, a partir dos editoriais e das entrevistas, a predominância de argumentos autoritativos que partem da capacidade técnico-analítica dos datajornalistas de manejarem conjuntos de dados para deles obter valor noticioso. Nota-se, também, uma autoridade atribuída ao próprio JGD, que teria muito mais condições que o jornalismo tradicional de lidar com um contexto de maior produção e oferta de dados circulando na web. De modo geral, a prática efetiva do JGD exige o domínio de técnicas que permitem saber onde e como buscar informações em bases de dados e, em seguida, extrair sentido delas:

Like most newsrooms, we make extensive use of government data — some downloaded from "open data" sites and some obtained through Freedom of Information Act requests. But much of our data comes from our journalists spending months scraping and assembling material from websites and Acrobat documents. Some data requires months of labor to clean or requires combining data sets from different sources in a way that's never been

done before (PROPÚBLICA, 2018).

Assim, os veículos exploram diversas possibilidades de obtenção de dados. Para isso, são essenciais habilidades em raspagem, tratamento, análise, contextualização e combinação de dados e boas noções de como apresentá-los graficamente. O conhecimento de áreas específicas são outras competências “vendidas” pelos veículos:

Our data team creates its own statistical models, drawing insights that support — and help guide — reporting done in more traditional ways. We feel strongly that investing in quantitative methods can help a newsroom find stories that would otherwise go unreported.(PROPÚBLICA, 2018)

Os profissionais também enfatizam as habilidades que adquiriram e continuam desenvolvendo para atuar no campo. Cada um deles acumula um conjunto de competências que variam de linguagens de programação, uso avançado de planilhas e estatística:

Eu aprendi muito sobre estatística, lógica de programação, matemática, as partes de algumas linguagens. Eu aprendi também sobre visualização de dados, que também é uma parte muito interessante do jornalismo de dados. Design e [...] também os vários tipos de gráficos. (CHAVES, 2019)

Todos os informantes possuem proficiência em, pelo menos, uma linguagem de programação, sendo R a mais comum, além de Python; seis deles têm de médio a alto conhecimento em estatística. Estas são algumas habilidades de um datajornalista que justificam o discurso de autoridade, embora nem todos dominem tudo isso simultaneamente. De qualquer forma, trata-se de um rol de competências não compartilhadas pela ampla maioria dos jornalistas, o que sustenta a ideia de que o JGD é um *métier* para “iniciados”:

Pelo menos até hoje, poucas pessoas se voltaram a aprender a lidar com dados porque muitas vezes envolve lógica, matemática e também tem o trabalho braçal, que a gente chama de limpeza. Normalmente, uma base pública de dados vem cheia de produtos, problemas e padrões, então tudo isso você precisa agrupar e você precisa estudar para deixar pronto para a análise final (CHAVES, 2019)

Entre os quatro não-jornalistas entrevistados, as competências técnicas são bem mais extensas. Eles ampliaram conhecimentos computacionais e estatísticos na universidade, principalmente em cursos de pós-graduação, como mestrado e doutorado:

Como eu era doutorando em Direito Constitucional, que é o Direito que lida com política, eu comecei a participar muito de atividades no Departamento de Ciências Políticas da Universidade de São Paulo [...] Aí, eu comecei o segundo curso de graduação em Estatística [...] Na mesma época - isso a gente está falando de 2012 e 2013 -, era muito famoso o Nate Silver [estatístico e editor do site político FiveThirtyEight]. Eu fui me apaixonando por isso e comecei a fazer trabalhos relacionados. (DUARTE, 2019)

Durante as entrevistas, os informantes relataram que todo esse conhecimento técnico é também obtido por meio de cursos formais e, principalmente, pelo recurso ao autodidatismo:

Tem muita coisa que eu aprendi por conta própria. Por exemplo, esse curso de R, que eu fiz na faculdade, todo mundo fez, mas para algumas pessoas era só mais uma matéria, mas para mim era uma coisa que eu me dedicava muito, no sentido de, quando estava em casa, nos momentos livres, eu continuava estudando. Eu também faço muita coisa online. (ZANLORENSSI, 2019).

3.1.1 Multiplicidade de formações

Em tempos de redações enxutas, contratar profissionais de diferentes áreas de conhecimento e que já atuem como cientista de dados é mais usual e até vantajoso para as empresas jornalísticas, pois entre jornalistas essa competência é rara. Isso explica a heterogeneidade dos núcleos de JGD. Como apontam outras pesquisas (TRÄSEL, 2014; PARASIE e DAGIRAL, 2013; ROYAL, 2012), o encontro entre jornalistas e trabalhadores de outros campos permite o intercâmbio de conhecimento. As análises corroboram essa conclusão, mas também demonstram que a cooperação entre diferentes práticas sociais reforça o discurso de autoridade do JGD porque aumenta o potencial analítico e criativo do veículo. Funciona, ainda, como meio de visibilidade, um incremento ao capital social das empresas de mídia porque além da expertise usufruída, elas tomam para si o status e o prestígio dos profissionais de outras áreas: “Poderopedia es desarrollado por periodistas, programadores, diseñadores y colaboradores ciudadanos que investigan,

extraen, seleccionan y validan información de fuentes públicas” (PODERO-PEDIA, 2018)

3.1.2 O JGD como resposta ao Big Data

Ao lado desse saber-fazer, o JGD comprovaria sua relevância e capacidade técnica para lidar com o Big Data: além de saber onde e como obter dados, o segmento atua como um curador de informações, como um meio para desvelar o que se perde no acúmulo de informações transitando na web, como ferramenta de contextualização e de geração de conhecimento que subsidiaria a audiência para empreender debates públicos mais qualificados: “Queremos que el debate público se base en datos y hechos, no en preferencias ideológicas, prejuicios, intereses sectoriales o la mera negligencia o superficialidad” (CHEQUEADO, 2019).

Num contexto de alta concorrência com outros canais de informação não-jornalísticos, o JGD funcionaria como uma alternativa para que o jornalismo mantenha relevância como canal informacional – se não mais como um mediador, agora como um ente que interpreta, contextualiza, detecta padrões e promove associações entre dados e informações. Todo esse saber especializado é um importante ponto de distinção e, de certa forma, de demonstração de poder do JGD em relação ao jornalismo convencional. Um dos recursos argumentativos mais recorrentes nesse sentido é usufruir da credibilidade e legitimidade da ciência. A retórica científica daria à reportagem guiada por dados mais rigor analítico e precisão do que o método jornalístico convencional.

3.2 Discurso ciberativista

O segundo discurso predominante extraído da Análise Argumentativa faz alusão a bandeiras ideológicas que somente há pouco tempo começaram a compor o discurso jornalístico: transparência, dados abertos e valores da cultura hacker. Apesar do crescente interesse de pesquisadores de diversas áreas em estudar a transparência, não há uma definição consensual do termo, cuja compreensão oscila entre publicidade e accountability, que significa prestação de contas. De qualquer forma, essas nomenclaturas são empregadas com uma mesma finalidade: designar uma instituição “em que não se veda o olhar, não há acessos blindados ou governos invisíveis” (GOMES, AMORIM e ALMADA, 2018, p.2).

Transparência não é um conceito historicamente relacionado ao jorna-

lismo embora o campo se beneficie desse princípio como um mecanismo para ampliar suas fontes de informação, especialmente aquelas produzidas pelos poderes constituídos. A transparência começa a figurar no jornalismo em um contexto recente das mudanças que afetam essa atividade: as audiências participativas e produtoras de conteúdos, as incertezas econômicas que atingem as empresas jornalísticas, etc (TANDOC e THOMAS, 2017). So-ma-se a isso críticas e questionamentos sobre questões ortodoxas do jornalismo, como os conceitos de objetividade e verdade – impulsionadas por teorias da notícia com abordagem construtivista (GUERRA, 2014). Para Karlsson (2010), transparência é a nova objetividade.

Os discursos institucionais indicam que a transparência emerge como um valor jornalístico que implica na “abertura do método”, o que, na prática, significa a explicitação das etapas de construção de uma reportagem guiada por dados: metodologias e técnicas de extração e análise de dados, obtenção de informações via dispositivos legais, explicações sobre esquemas de visualização, bases de dados empregadas e até transparência algorítmica, ou seja, quase uma prestação de contas que a própria organização faz para seus públicos:

Making our journalism transparent is key for us, and not just because DW is funded by public money. If you are interested in the data, sources, methodology and code behind our projects, please visit our GitHub repository github.com/dw-data for more detail (DEUTSCHE WELLE, 2019)

Publicizar todas as etapas de apuração, as bases de dados usadas e descrever a construção e as finalidades dos métodos empregados nos projetos surge, assim, como um princípio editorial, e parece emular os rituais estratégicos em torno da objetividade jornalística (TRÄSEL 2014). Não são fontes oficiais e experts que endossam as evidências usadas nas reportagens; são os dados, as estatísticas. Além disso, esse princípio parece funcionar como uma virtude ou um marcador retórico de distinção que o veículo destaca como meio de relacionamento com o público: “Seus princípios editoriais são o equilíbrio, a clareza e a transparência [...] A transparência garante uma nova relação de confiança e interação com a audiência” (NEXO JORNAL, 2018). O conceito surge, ainda, como um princípio cobrado dos poderes constituídos e agentes públicos para beneficiar o cidadão: “Somos un medio digital no partidario y sin fines de lucro que se dedica a la verificación del

discurso público y la promoción del acceso a la información y la apertura de dato” (CHEQUEADO, 2018).

Essa meta, por sua vez, carrega uma lógica pragmática, pois garante uma importante matéria-prima para o JGD (que costumam ser dados e informações da administração pública), e coloca os veículos jornalísticos como entes vigilantes da democracia. As próprias organizações tomam para si os princípios basilares desse movimento: abertura, colaboração e participação.

Todo o conteúdo publicado pelo Fiquem Sabendo pode e deve ser compartilhado! [...] Você tem o direito de compartilhar (copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato) e adaptar (remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial), desde que atribua o devido crédito com link para a reportagem original (FIQUEM SABENDO, 2018).

A ideia por trás disso é que o público e desenvolvedores podem apropriar-se dos códigos-fonte para aperfeiçoá-los e empreenderem as próprias descobertas. Revela, ainda, alinhamento à cultura hacker, que tem como princípios o colaboracionismo e a cooperação. Isso confirma a colonização dos imaginários e repertórios desse segmento por bandeiras do ciberativismo, algo já detectado por outras pesquisas (TRÄSEL, 2014; TRÉDAN 2015; LEWIS e USHER 2014; ROYAL 2012). A cooperação explica o considerável senso de pertencimento dessa comunidade, que se mostra engajada e cuja atuação adapta, ao menos nesse pequeno grupo, algumas convenções do jornalismo. Acontece, por exemplo, de profissionais concorrentes buscarem auxílio entre si para matérias que estão em andamento e de trocarem informações, dados e fontes – o que relativiza a exclusividade jornalística. Essa solidariedade entre profissionais revela que parte expressiva do repertório que compõe o segmento vem da socialização a qual seus integrantes (especialmente jornalistas) são submetidos dentro da comunidade DDJBR¹.

Importante enfatizar que essa comunidade não é homogênea ainda que seus integrantes compartilhem certas ideologias. Com tanta diversidade de atores sociais, é natural que se trate de um espaço de negociação:

Você tem alguns jornalistas de dados que são muito mais preocupados com transparência [...] outros que estão muito mais preo-

1 Datajornalistas brasileiros usam a sigla DDJBR, sobretudo nas redes sociais (#ddjbr), em referência ao termo data-driven journalism Brazil.

cupados com estatística, com a questão da correlação e da causalidade. Outros jornalistas de dados estão preocupados com a maneira que a gente importa dados muito complexos. Enfim, existem muitos perfis de jornalistas de dados (LAGO, 2019)

3.3 Valores jornalísticos

Simultaneamente à incorporação de aspectos identitários e ideológicos de outras práticas sociais, o JGD reativa valores profissionais e funções historicamente atribuídas ao jornalismo (TRÄSEL, 2014, 2017; ECHT, 2014; FELLE, 2016). Uma das questões mais evidentes é o posicionamento do JGD como um vetor de democracia e como instituição vigilante e fiscalizadora dos três poderes – defesas que reativam uma visão funcionalista da imprensa.

Assim, os valores que sedimentam a identidade profissional e parte das ideologias que constituem o jornalismo (DEUZE, 2005) são retomados e reapropriados nas retóricas sobre o JGD. Nesse sentido, a objetividade é o que emerge com mais frequência nos textos das organizações jornalísticas. Tradicionalmente compreendida como um ritual estratégico que possibilita aos jornalistas lidarem com a escassez de tempo e se protegerem de eventuais críticas aos métodos empregados (TUCHMAN, 1972), a objetividade pressupõe a padronização de determinados procedimentos. Estão entre eles o confronto entre versões sobre um mesmo fato, a confirmação de acontecimentos com diferentes fontes, o uso de provas complementares que corroborem os fatos apresentados e uma escrita com ares imparciais para denotar suposta isenção, equilíbrio no relato e comprometimento ético.

Ao emergir simultaneamente como um valor jornalístico, um princípio editorial e uma medida normativa cobrada dos entes públicos, a transparência parece dar novos contornos ao cânone da objetividade. Assim, a veracidade e a imparcialidade que o veículo tenta transmitir vem preponderantemente de fontes documentais, como bancos de dados, o uso de matemática e estatística para interpretá-los, cruzamento de diferentes bases de dados para ampliar e aprofundar versões, de gráficos e visualizações:

Whenever possible, we will also publish the data and code that we used in data-driven investigations, as well as a detailed methodology describing the data, its provenance and the statistical techniques used in our analysis. We hope that academics, journalists, policy-makers and others will be able to evaluate our data, replicate our analysis and build on our work. (THE MARKUP, 2019)

Muitas vezes as fontes documentais usadas nas reportagens ficam acessíveis ao público, incluindo bases de dados brutas, portanto sem edição. A “abertura do método” permitiria um tipo de auditoria do público, que pode refazer o percurso da investigação e, assim, elaborar a própria interpretação dos fatos. Além disso, é como se o JGD desfrutasse de maior independência perante as fontes humanas:

Bom, no jornalismo tradicional você precisa ligar para um monte de fontes para conseguir a revelação de uma informação, uma exclusiva ou uma informação de bastidor. Isso tudo depende muito de você conhecer muitas pessoas [...] No jornalismo de dados, as informações exclusivas ou de bastidor eu posso conseguir analisando uma grande base de dados. Eu cansei de fazer pautas que estão disponíveis para todos (CHAVES, 2019)

Obviamente, o JGD não deixa de acessar as fontes humanas; elas continuam importantes ainda que sejam alvo de críticas:

Jamais a gente tem que tratar o jornalismo de dados como uma relação de fonte só documental. Assim como toda fonte, a fonte documental também tem seus interesses, também tem sua agenda e também tem que ser lida de uma forma crítica. Jamais o jornalismo de dados veio substituir a fonte humana. (LAGO, 2019)

Trata-se de uma lógica operacional que transgride o famigerado “lugar de repórter é na rua”, um dos jargões mais perenes da profissão:

Com a tecnologia, eu posso tornar esse trabalho de interpretação, de entendimento, muito mais rápido - pelo menos para obter um insight. Não quer dizer que eu vou obter a informação que eu preciso totalmente, mas o insight que eu vou ter eu posso confrontar com uma fonte tradicional para ver se aquilo tem fundamento. Isso eu posso fazer do meu computador, sem precisar ter contato com fonte nenhuma (CHAVES, 2019)

Ampliando a análise para além de regras procedimentais, a inclusão de aspectos da transparência à noção de objetividade também atende a uma questão contextual. O *modus operandi* do JGD fortaleceria as reações contra a perda de confiança e os frequentes ataques à imprensa. O uso de tecnologia, de bases de dados e modelos estatísticos, além de uma exposição mais clara destes métodos, ultrapassariam os efeitos das técnicas triviais de

apuração ligadas à objetividade:

Eu acho que muito o que diferencia o jornalismo de dados para o jornalismo tradicional não é uma questão só do uso de ferramentas, mas a questão da busca por essa precisão, do trabalho com evidências, aplicando métodos estatísticos, métodos das Ciências Sociais para chegar a determinadas investigações (LAVOR, 2019)

Contra as inclinações pessoais do repórter ou hipóteses que não se sustentam, o JGD forneceria um arsenal de procedimentos aparentemente mais confiável que o jornalismo dito tradicional. De certa forma, essa postura resgata a autoridade interpretativa da imprensa e a coloca como protagonista no enfrentamento da queda de credibilidade. Durante conversas informais com os entrevistados, alguns relataram acreditar que o potencial informativo do JGD, mais que o jornalismo convencional, serve de ofensiva contra a deslegitimação do jornalismo e para combater o crescente ambiente de desinformação.

O entusiasmo sobre o uso de algoritmos e modelos estatísticos para construir notícias convive harmonicamente com um discurso quase romântico que retoma certos cânones da profissão: “Desde a sua fundação, o Nexo tem como principal motivação produzir um jornalismo que contribua para um debate público qualificado e plural, e que seja capaz de fortalecer a democracia brasileira” (NEXO JORNAL, 2019). O jornalismo como guardião e vetor da democracia é certamente o valor mais usual:

Es un equipo de reporteros experimentados que asume el reto de los lectores: ser incómodos con el poder, vigilantes de la democracia, poner nuestra mirada al servicio del interés ciudadano en vez de promover intereses ajenos (OJO PÚBLICO, 2018).

Ideais profissionais geralmente atribuídos ao jornalismo investigativo são suscitados, como a denúncia de abusos de poder, desvios de conduta, divulgação do que governantes querem ocultar e a mítica função do jornalismo como um fornecedor de informações de interesse público que as pessoas necessitam para serem livres e se autogovernarem – operadores discursivos que marcam uma visão instrumental da imprensa. As entrevistas com os jornalistas confirmam que eles preservam essas definições clássicas da profissão:

Para mim, jornalismo de dados continua sendo jornalismo. O que muda, na verdade, são as ferramentas que a gente acaba utilizando. Mas nessas partes de apuração, de rigor, acho que são iguais ao jornalismo tradicional. A única questão é que a gente tem mais ferramentas para usar e outras fontes para entrevistar (HIROTA, 2019)

4 CONCLUSÕES

Nesta investigação lançamos um olhar sobre os discursos de legitimação da prática do JGD. Por meio da Hermenêutica de Profundidade, revelamos os discursivos predominantes e que mais contribuem para definir, demarcar e legitimar esse campo. Esses discursos se inserem e dialogam com o contexto sócio-histórico de emergência desse segmento e com o contexto das práticas, que aparece na fala de jornalistas e cientistas de dados entrevistados.

O discurso de autoridade é o mais frequente e ao qual as entidades e profissionais mais recorrem para justificar sua legitimidade. Ele se insere em uma estratégia dos participantes – profissionais e organizações de JGD – de afirmar seu status e delimitar as fronteiras de território profissional. Também se verificou que a cooperação entre diferentes áreas profissionais ajuda a construir o discurso autoritativo. Essa integração, embora muitas vezes decorra de questões práticas para compensar o baixo letramento computacional de jornalistas, também incrementa o capital social das empresas jornalísticas, que usufruem da respeitabilidade e do prestígio de equipes multifuncionais que compõem núcleos de JGD, muitos deles cientistas, alguns até com trajetória acadêmica. E nessa dinâmica, o segmento se apossa da credibilidade do discurso científico em busca de um verniz de precisão e rigor para seus projetos. Vem desses novos atores sociais que passam a integrar as redações alguns repertórios que se refletem na transmissão de ideologias e novos processos de trabalho.

O discurso ciberativista se reflete em processos produtivos mais horizontais e colaborativos. Ele contribui para legitimar o JGD ao alinhar essa prática às demandas por governos e instituições menos opacos ao olhar dos cidadãos e pelo estímulo à apropriação social dos dados, que devem estar disponíveis em formatos acessíveis. Esse discurso também se materializa em um apreço pela cooperação, tão habitual entre os profissionais da computação, e que emerge na fala dos entrevistados. A maioria destacou que reside

nessa prática um importante traço de distinção entre o JGD e o jornalismo convencional. Deste último espera-se competitividade e o individualismo de quem mantém, por exemplo, sigilo sobre informações de bastidores e fontes. Já o que se percebe sobre a rotina de um núcleo de JGD são atitudes mais solidárias.

O discurso ciberativista mostra que o JGD se apropriou dos ideais de transparência para ressignificar aspectos que envolvem a objetividade jornalística. Enquanto valor profissional, a objetividade se mantém, embora apareça metamorfoseada em procedimentos ligados à transparência: o uso de fontes documentais, a combinação de bases de dados, o uso de modelos estatísticos, de métodos quantitativos e, especialmente, da abertura de todas as etapas de apuração. Assim, da mesma forma que o JGD cobra dos poderes públicos maior transparência sobre seus atos e gestões, ele próprio “abre o método” e se submete a uma nova dimensão de escrutínio público – tudo isso sem perder de vista a função social ou o interesse público como norteadores da atividade jornalística.

Ao identificar os principais discursos legitimadores do JGD e compreender como eles se articulam para demarcar um campo profissional, este trabalho contribui para ampliar o conhecimento a respeito da comunidade datajornalística. Foram encontrados elementos que vão além do que já se sabe sobre os imaginários que fomentam essa área, que é interseccionada pela cultura hacker e por demandas dos dados abertos. Entre eles estão a autoafirmação decorrente da autoridade e da competência técnica para extrair sentido de bases de dados e uma melhor compreensão dos processos de renovação de algumas práticas e convenções jornalísticas. Evidenciou-se como o exercício do JGD significa um meio de redirecionamento da carreira dos jornalistas e como ele tem favorecido a inserção de indivíduos de outras áreas do conhecimento nos processos de produção de notícia nas redações.

REFERÊNCIAS

APPELGREN, Ester; NYGREN, Gunnar. Data Journalism in Sweden. *Digital Journalism*, [s.l.], v. 2, n. 3, p.394-405, 19 fev. 2014. Informa UK Limited. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/21670811.2014.884344>. Acesso em 18 out.2018.

CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean de. *Natureza e Transformação do Jornalismo*. Brasília: FAC Livros; Florianópolis: Insular, 2016.

CODDINGTON, Mark. Clarifying Journalism’s Quantitative Turn. *Digital Journalism*, [s.l.], v. 3, n. 3, p.331-348, 7 nov. 2014. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/21670811.2014.976400>.

DEUZE, Mark. What is journalism? *Journalism: Theory, Practice & Criticism*, [s.l.], v. 6, n. 4, p.442-464, nov. 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1464884905056815>.

DIAKOPOULOS, Nicholas. Cultivating the landscape of innovation in computational journalism. City University of New York, abr. 2012. Disponível em: http://cdn.journalism.cuny.edu/blogs.dir/418/files/2012/04/diakopoulos_whitepaper_systematicinnovation.pdf.

ECHT, Iván. El caso de Chequeado en la Argentina. In: ZOMMER, Laura (Ed.). *El boom del fact checking en América Latina: aprendizajes y desafíos del caso de Chequeado*. Argentina: Chequeado, 2014. p. 6 – 10. Disponível em <http://www.kas.de/wf/doc/14235-1442-4-30.pdf>. Acesso em 24 set.2018.

FELLE, Tom. Digital watchdogs? Data reporting and the news media's traditional 'fourth estate' function. *Journalism: Theory, Practice & Criticism*, [s.l.], v. 17, n. 1, p.85-96, 13 jul. 2015. SAGE Publications. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1464884915593246>.

GOMES, Wilson; AMORIM, Paula; ALMADA, Maria Paula. 2018. Novos desafios para a ideia de transparência pública. *E-Compós*, 21(2). Disponível em: 10.30962/ec.1446

GUERRA, Josenildo. Transparência editorial: a credibilidade jornalística à luz dos sistemas de gestão da qualidade. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*. v. 11, n. 20, p.184-193, 2014. v. 11, n. 20. Disponível em <https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/issue/view/22/showToc>.

GYNILD, Astrid. Journalism innovation leads to innovation journalism: The impact of computational exploration on changing mindsets. *Journalism: Theory, Practice & Criticism*, [s.l.], v. 15, n. 6, p.713-730, 22 maio 2013. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1177/1464884913486393>.

HOWARD, Alexander. The art and science of data-driven journalism: when journalists combine new technology and narrative skills, they can deliver context, clarity and a better understanding of the world around us. TOW Center For Digital Journalism. 30 maio 2014. Disponível em: <http://towcenter.org/wp-content/uploads/2014/05/Tow-Center-Data-Driven-Journalism.pdf>.

KARLSSON, Michael. RITUALS OF TRANSPARENCY. *Journalism Studies*, [s.l.], v. 11, n. 4, p.535-545, ago. 2010. Informa UK Limited. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/14616701003638400>.

LE CAM, Florence; PEREIRA, Fábio Henrique; RUELLAN, Denis. 2015. Mudanças e permanências no jornalismo In *Mudanças e permanências do jornalismo*, (org) Dione Moura, Fábio Henrique Pereira and Zélia Leal Adghirni, 11-23. Florianópolis: Insular.

_____. Code, Collaboration, And The Future Of Journalism. *Digital Journalism*, [s.l.], v. 2, n. 3, p.383-393, 16 abr. 2014. Informa UK Limited. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/21670811.2014.895504>.

LIAKOPOULOS, Miltos. Análise Argumentativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. 13a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LOOSEN, W., REIMER, J., e SILVA-SCHMIDT, F. D. (2017). Data-driven reporting: An on-going (r)evolution? An analysis of projects nominated for the Data Journalism Awards

2013–2016. Journalism. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1464884917735691>

PARASIE, Sylvain; DAGIRAL, Eric. Data-driven journalism and the public good: “Computer-assisted-reporters” and “programmer-journalists” in Chicago. *New Media & Society*, [s.l.], v. 15, n. 6, p.853-871, 18 nov. 2012. SAGE Publications. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1461444812463345>.

ROGERS, Simon. *Facts are sacred*. 1a ed. Guardian Faber Publishing, 2013.

ROYAL, Cindy. *The Journalist as Programmer: A Case Study of The New York Times Interactive News Technology Department*. The official research of the International symposium on online journalism (ISOJ). Disponível em <https://tech.cindyroyal.net/the-programmer-as-journalist-2/>

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 9a ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TRÄSEL, Marcelo. Jornalismo guiado por dados: aproximações entre a identidade jornalística e a cultura hacker. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, [s.l.], v. 11, n. 1, p.291-304, 2014. Disponível em <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2014v11n1p291>.

_____. *Jornalismo Guiado por Dados: características definidoras e uma proposta de formulação do conceito*. In: 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2017, São Paulo. *Anais eletrônicos*. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2017/paper/viewFile/794/464>.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teoria e histórias*. Lisboa: Vega, 1993.

Bruna Mastrella

Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB).
Jornalista na TV Alego (Assembleia Legislativa de Goiás).
E-mail: brunamastrella@gmail.com